

O APOLÍNEO E O DIONISIACO: O CARÁTER AGONÍSTICO DA EDUCAÇÃO

Alonso Bezerra de Carvalho (Doutor em Filosofia da Educação - USP e Professor do Departamento de Educação, FCL-Unesp/Assis)

Resumo

Ao analisar seu projeto de transvalorar todos os valores, Nietzsche nos mostra que não basta substituir os antigos valores por outros, gerados a partir do mesmo solo que os anteriores; é necessário suprimir o solo mesmo a partir do qual eles foram colocados, para então engendrar novos valores. É na perspectiva dessas duas dimensões de seu pensamento que queremos pensar a educação.

Nietzsche e Weber são pensadores provocantes, ou como alguns preferem, são mestres da suspeita - são portadores de novas idéias e de novos valores. Com efeito, para o objetivo desse trabalho, a preocupação é indicar um possível diálogo entre os dois pensadores a partir da exposição weberiana sobre a burocracia e o carisma e sobre o apolíneo e o dionisíaco, feita por Nietzsche. Creio que a crítica nietzscheana à tradição filosófica teria inspirado as formulações de Weber sobre a modernidade, pois "o que dá valor à obra de Weber é que ele tratou com a maior seriedade as **objeções** que Nietzsche opôs à modernidade" (Raynaud, 1993 : 207). E o tema do *desencantamento do mundo* é bem sugestivo nesse aspecto. A dominação burocrática e a conduta apolínea teriam levado a existência humana a uma perda de sentido. Isso quer dizer que estaríamos submetidos a um conjunto fechado de normas e procedimentos que suprimem a criatividade e a expansão imaginativa dos indivíduos, destruindo o caráter agonístico da realidade.

"Tanto Nietzsche quanto Weber estão de acordo que o mundo não é intrinsecamente dotado de sentido e que não há um *sistema* de valores já dado, independente da luta entre os homens" (Cohn, 1979 : 107-8. grifo meu).

Quando Weber aborda a modernidade como a época do desencantamento, significa que ele vê nela um sinal da ilusão que existiu e se perdeu. Mas é possível fazer algo nesse mundo? No campo da filosofia prática, Weber pensa sobre qual a possibilidade de se manter ou não um espaço para a liberdade humana em face da burocratização crescente. As suas reflexões, como sabemos, não defendem que, através da ciência, possamos estabelecer como devem ser as ações humanas, justificando cientificamente aquilo que é um ato de livre-arbítrio.

O pensamento de Weber vem para desiludir todos aqueles que, se apegando a uma determinada concepção de mundo, tiveram a pretensão de dar por explicado o processo histórico na sua íntegra e, dessa forma, traçar o destino da humanidade - lembremos de Kant, aqui. O homem, como ser histórico, não possui princípios supra-históricos, ou além do histórico. É ilusória toda tentativa de sistemas

filosóficos que tendem a fixar de maneira definitiva todo o trajeto da vida humana, a partir de princípios de validade universal. É descobrindo o homem como sujeito de escolhas e de interesses que faz emergir o significado do mundo, porque o conhecimento da realidade não pode ser alcançado mediante o recurso a orientação de valores de ordem metafísica ou a teorias evolucionistas da história.

O apolíneo Weber não descartava conhecer as *outras* razões que a própria razão desconhece. Quando diz que a sua ciência é uma "ciência da realidade", está se referindo ao seu compromisso de encarar os fatos em sua caoticidade. O conhecimento não apreende a vida em sua totalidade. Na verdade, ao querer essa totalidade nega a vida e esgota a sua infinita riqueza.

Nesse caso, a afinidade entre Weber e Nietzsche pode ser postulada, sobretudo a partir da crítica que ambos fazem à concepção que institui a estabilidade, a rotina, as normas estatuídas, a instauração de um sistema fechado de conceitos, como critério de orientação da conduta humana, seja como homem de ação, seja como homem do saber. Nietzsche, bem como Weber, segundo as suas vidas pessoais e de cientistas, estão em busca de lugares novos, de emoções renovadas, de ângulos novos, de posições inexploradas. Se Nietzsche se colocava como o *andarilho*, era porque não queria renunciar ao privilégio da permanente aventura, que nunca vende a alma ao estável e ao tranqüilo, "fechando os olhos ante a fuga vertiginosa das coisas", como afirma Antônio Cândido(1978 : 414).

As noções de carisma e dionisíaco surgem no pensamento de Weber e de Nietzsche, respectivamente, como portadoras de uma existência mais real, representando o impossível como possível, provocando um sentimento de alegre liberdade, "como se o homem se pusesse sobre a ponta dos pés e, graças a um júbilo interior, fosse obrigado literalmente a dançar". Eles procuraram responder à seguinte pergunta: numa época sem apelo ao divino, desencantada, o que se poderia dizer de melhor para instalar o homem na sua pura humanidade?(Cf. Cândido, 1978 : 416).

Nos tempos modernos, o carisma está em guerra com a burocracia. Nossa época está estruturada em princípios que fazem da liberdade um sonho e um pesadelo. Quando as estruturas e os sistemas assenhoram-se do poder, isto é, institucionalizam-se, o discurso *sobre* a liberdade torna-se instrumento de controle e de dominação. Weber preocupava-se com os rumos que a burocratização poderia tomar se permanecesse como a deusa do Estado e das relações despersonalizadas entre os homens.

O homem moderno, ao adotar apenas a perspectiva racional-burocrática como o sentido orientador de suas ações, perde o que tem de mais valioso em sua vida. Weber não tinha nenhuma paixão pelas normas, pelos sistemas fechados, pelas estruturas que dominam e sufocam a criatividade. Defendia o heroísmo e a virilidade diante dos fatos desagradáveis da existência, conduta que o desejo de estabilidade e de tranqüilidade da racionalização burocrática não suscitava. Enfim, "o burocrata deve cumprir uma função que nada tem a ver com seus filhos ou com suas férias". Esta impessoalidade, essencial à natureza da burocracia, fundada em

ordens abstratas, leva os homens a acreditarem que não há mais nada a fazer (Cf. Aron, 1999 : 477).

Quando aproximo a noção de carisma com a dionisiaca, pretendo indicar o caráter desintegrador do qual ambas estão revestidas. Com elas, todos os valores, ideais, conceitos e modos de pensamento, que pareciam eternos e sob aos quais os homens guiavam-se de forma tão segura, são colocados em questão.

O dionisiaco e a ação carismática, creio eu, tornam-se, no pensamento de Nietzsche e de Weber, caminhos alternativos que precisamos retomar. A falta de amor, o *sine ira et studio* de uma racionalidade instrumental, socraticamente concebida e baseada num cosmos de ação cada vez mais enfadonho e entediante, pode sugerir que "não [é] o florescer do verão [que] está à nossa frente, mas antes uma noite polar, de escuridão gelada e dura" (Weber, 1982a : 152). Contudo, penso que não é isso que aguardam esses dois senhores. No parágrafo final do texto *A política como vocação*, de onde a última citação foi tirada, o desencantado Weber indica, sofisticadamente, uma possível saída, que pode ser estendida também a Nietzsche. Diz ele:

"a política é como a perfuração de tábuas duras. Exige tanto *paixão* como *perspectiva*. Certamente, toda experiência histórica confirma a verdade - que o homem não teria alcançado o possível se repetidas vezes não tivesse tentado o impossível. Mas, para isso, o homem deve ser um *líder*, e não apenas um líder, mas também um *herói*, num sentido muito sóbrio da palavra. E mesmo os que não são líderes nem heróis devem armar-se com a fortaleza de coração que pode enfrentar até mesmo o desmoronar de todas as esperanças. Isso é necessário neste momento mesmo, ou os homens não poderão alcançar nem mesmo aquilo que é possível hoje. Somente quem tem a vocação da política terá certeza de não desmoronar quando o mundo, do seu ponto de vista, for demasiado estúpido ou demasiado mesquinho para o que ele lhe deseja oferecer. Somente quem, frente a tudo isso, pode dizer 'apesar de tudo!' tem a vocação para a política" (Weber, 1982a : 153).

Portanto, a política, como a tragédia, precisa de heróis. Desse modo, a monotonia e a chatice da vida moderna exigem que cada um nós retome o caráter dionisiaco e carismático da existência, para equilibrar as coisas, o que pode levar a humanidade de volta a si. É preciso *reinstaurar*, apaixonadamente, uma nova *perspectiva*.

Pensar a educação a partir dessas provocações de Nietzsche nos ajuda, por extensão, entender Weber. Percebemos que, em ambos, há uma defesa radical da liberdade individual, que permite compreender o avesso da teoria educativa moderna. Há um desmascaramento dos conceitos pedagógicos que se fundam em noções como humanidade, autonomia, julgamento, razão e unidade de entendimento e ação. Ao proceder a transvaloração de todos os valores e a destruição do primado da moral, Nietzsche deixa sem solo a tradição educativa. A ilusão da razão autônoma e o sujeito moral metafísico são vistos como muletas. A vida humana tem uma dimensão trágica, causada pela morte de Deus, que deixa a

soberania do sujeito sem fundamento e torna a autonomia inevitável. Nietzsche radicaliza a autodeterminação individual, não mais conduzida pela idéia de aperfeiçoamento. Cada sujeito luta pela sua afirmação, tornando o conflito inevitável(Cf. Hermann, 2000: 149).

Nessa acepção, surge uma possibilidade para o homem e para a educação: a aceitação da contingência. Ou como diz Weber: as exigências do cotidiano. Mas tem uma idéia que, associada a esta, completa o que pensa Nietzsche. É preciso transformar a própria contingência. O homem nobre, o homem de ação heróica, diria Weber, transforma a contingência no seu destino, conduzindo a vida com seus próprios critérios, sem influência de uma hierarquia de valores de caráter universal. Há uma possibilidade de se construir uma personalidade. Pratica seu poder e influência sem a orientação de princípios. O destino do homem é contingente e indeterminado e não há exterioridade que o determine. "Falta todo lugar, todo objetivo, todo sentido de onde nós pudéssemos tirar nosso ser". O homem é responsável pelo seu vir-a-ser, sem dispor de uma força transcendente que sirva de referência para a condução da vida. Ao contrário da tradição kantiana, que postula a universalidade, Nietzsche postula a validade da verdade prática, apenas diante da própria pessoa, afirmando o *perspectivismo*.

Essa idéia de homem nobre, em Nietzsche, está próxima à idéia postulada por Weber sobre o homem moderno, que deve suportar o quanto puder as agruras da vida cotidiana. A pessoa nobre é uma expressão originária, que procura seu gesto próprio. Ela simplesmente escuta sua voz interior(o seu *daimon*), que lhe diz o que fazer aqui e agora, quando realiza o certo no momento certo.

O central dessas idéias é que para Nietzsche e para Weber não haveria um ideal educativo universal. A educação vê-se forçada a um recuo em relação a uma definição rígida de sua finalidade. Essas posições provocam o projeto pedagógico moderno iluminista, que dá saliência exagerada à pretensão de conhecer a natureza humana, para garantir o aperfeiçoamento moral. Volta-se assim a educação para o ideal e não para a realidade da vida. Muitos dos malogros da educação decorrem do entendimento que há uma essência de natureza humana, que, uma vez conhecida, pode traduzir-se em intervenção metodológica. Há uma repressão dos impulsos da vida. Nietzsche radicaliza a autoconstrução do sujeito, maximizando a incerteza e a vulnerabilidade do processo educativo, na mesma medida em que maximiza a aposta na vida, enquanto uma permanente busca de sentido pelo próprio indivíduo.

Nietzsche e, por influência deste, Weber, suspeitam da possibilidade de encontrarmos algum fundamento científico ou ético que assegurem a validade das ações humanas e, por extensão, do agir educativo. São colocadas sob suspeição as expectativas de construção do sujeito soberano do idealismo e toda a tradição do humanismo, mostrando o avesso de uma filosofia que já não dá conta da vida, porque sucumbe à pura abstração. A vida humana que se enquadrava num sistema de valores e sentidos, cuja base era religião ou a metafísica, agora é desvalorizada. O homem moderno foi capaz de perceber o caráter fictício da própria moral, da religião e da metafísica, e o desencanto é a tomada de

consciência de que não há estrutura, leis e valores objetivos. Seja com Nietzsche ou com Weber, estamos diante de um desencantamento do mundo e da vida. Porém, esse desencantamento é diferente. A desconfiança diante das concepções metafísico-religiosas é para favorecer e garantir a vida.

Bibliografia

ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

RAYNAUD, Phillipe. Nietzsche Educador In: BOYER, Alain et. al. Por que não somos nietzscheanos. São Paulo : Ensaio, 1993, pp. 191-211.

CÂNDIDO, Antônio. O portador In: NIETZSCHE, F. Obras Incompletas. São Paulo : Abril Cultural, 1978, pp. 411-416.

COHN, Gabriel. Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo : T. A. Queiroz, 1979.

HERMANN, Nadja. Nietzsche: uma provocação para a filosofia da educação In: GHIRALDELLI Jr., Paulo(org.) O que é filosofia da educação? Rio de Janeiro : DP&A, 2000.

NIETZSCHE, F. Obras Incompletas. São Paulo : Abril Cultural, 1978.

WEBER, M. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1982a.